

Da Academia Imperial à Associação Paulista de Medicina

Duillio Crispim Farina



Rubião Meira, fundador e 1º presidente da APM



Alberto Nupieri, na mocidade

Crônica, os registros dos historiadores, têm aqui e ali, pelos decênios e mesmo centúrias, anotado os episódios marcantes da criação e evoluir das associações médicas e farmacêuticas em nossa terra.

A idéia de constituir um primeiro corpo seletivo profissional aninhou-se resolutamente no espírito esclarecido e pioneiro de cinco distintos médicos, ainda no Império. Os Drs. Joaquim Cândido Soares de Meirelles, João Martins da Cruz Jobim, Luiz Vicente de Simoni, José Francisco Xavier Sigaud e J. M. Faivre, reuniam-se em sessão preparatória a 28 de maio de 1829 para lançarem os fundamentos, as bases de uma sociedade de medicina, cujos intuítos eram o progresso e o desenvolvimento das ciências médicas, prestar socorros gratuitos aos doentes pobres, beneficiar a população, pelo estudo e aplicação dos meios favoráveis à conservação e melhoria da saúde pública. A estes cinco fundadores – recordou Teixeira de Souza, juntaram-se outros e constituiu-se a entidade que foi logo posta sob a solicitude e proteção do Governo Imperial, em 30 de junho de 1829, sendo presidente o Dr. Meirelles. Seus estatutos foram aprovados por decreto de 15 de janeiro do ano seguinte. A cerimônia, porém, de sua inauguração oficial, realizou-se em 24 de abril desse ano em uma das Salas do Hospital de São Francisco de Paula, na travessa do mesmo nome, e sob a presidência do ministro do Império, o Marquês de

Caravelas. Não tardou que o Governo recorre-se à sábia e nascente corporação. Logo vai consultá-la sobre a “natureza e tratamento da pîrexia endêmica”, que dois anos antes aparecera em Macacu e que, irradiando-se para outras localidades, grassava, em incrementos, na vila de Magé e seu termo. A Câmara Municipal vai ouvi-la sobre posturas concernentes à saúde pública, e a Câmara dos Deputados incumbem-a de elaborar um plano de organização das escolas médico-cirúrgicas do Império.

Apresentado o projeto, com pequenas alterações foi adotado para servir de base aos estatutos das Faculdades de Medicina do Rio de Janeiro e Bahia, na reforma de 3 de outubro de 1832. Como decorrên-

cia de um de seus compromissos, a sociedade abriu em 1831, um consultório gratuito, porém de efêmera duração, iniciando neste mesmo ano a sua publicação periódica, com o título de *Semanário de Saúde Pública*. A sede da Sociedade alojara-se no consistório da Igreja do Rosário, de onde o Governo mandou-a transferir para uma sala da Academia Militar, no largo de São Francisco de Paula, e ainda dando-lhe caráter oficial, em 1835, transformou-a em Academia Imperial de Medicina, com novos estatutos, e aumento do quadro de membros titulares. O ingresso na Academia seria sempre mediante exibição de uma memória original sobre assunto médico, a juízo da corporação. Solenizada a Academia aos 21 de dezembro de 1835,

em Sala do Paço Imperial, daí por diante, durante o império, foram celebradas todas as sessões magnas aniversárias da fundação da nova Sociedade de Medicina, a 30 de junho, na presença do Imperador. À Academia se deve a primeira idéia de uma Sociedade de beneficência médico farmacêutica, proposta em 1848, pelo Conselheiro M. F. Pereira de Carvalho, que apresentou o projeto dos estatutos. Ampliando os seus objetivos, em 1849, o doutor C. L. Saules, redigiu novo projeto com várias proposições: constituir montepio médico-farmacêutico; enviar médicos hábeis às províncias; quando se encontrassem sem eles, ou em ocasiões de epidemia; estabelecer nas províncias, que as não tivessem, farmácias dirigidas por profissionais

competentes; facilitar a matrícula nos cursos de farmácias aos estudantes pobres, que se mostrassem devidamente credenciados; enviar à Europa, médicos brasileiros de reconhecido talento, para estudar assuntos especiais, que lhes seriam indicados, etc. Da sala da Academia Militar, em 1861 passou-se a Academia de Medicina para o campo de Sant’ Ana, onde manteve-se até 1873, no edifício primitivo da Câmara Municipal. Daí foi transferida para o prédio e na mesma Sala onde funcionavam de dia três repartições: Inspetoria de Saúde dos Portos, Junta Central de Higiene Pública e Instituto Vacinogênico, sob a presidência do Barão de Lavradio, o Dr. José Pereira Rego, que era também presidente da Academia.

Por tudo isso, depreende-se que vingou na Terra de Santa Cruz a semente, o espírito da Academia Real das Ciências de Lisboa, fundada em 1779, no reinado de d. Maria I, por diligências do 2º Duque de Lafões, D. João Carlos de Bragança e do Padre José Francisco Corrêa da Serra, botânico ilustre. O gosto das Academias era já velho em Portugal que, no sentenciar do insigne Fidelino de Figueiredo, nessa tendência prontamente acompanhara a Itália, sua criadora. Em verdade, desde 1628, data da fundação da mais antiga academia portuguesa de que há notícia certa, a Academia dos Singulares, existiram, na pátria de Camões e Sá de Miranda, “numerosas dessas corporações para

continua na página 2...

Leia:

Da Academia Imperial à APM

Duillio Crispim Farina
Páginas 1,2 e 3

Os Pintores

Paulo Bomfim
Página 4

Piolim

Paulo Bomfim
Página 4

Meus 80 anos

Paulo Fraletti
Página 4

artigo

...continuação

o cultivo da poesia, da eloquência, centros de gosto gongórico em que se poetava e discorria com a maior gravidade sobre frívolos temas". Entretanto, houve instituições dignas de menção, em nosso entender: a Academia Real da História de Portugal, fundada por D. João V em 1720 para a elaboração da História eclesiástica de Portugal que produziu volumes de valor; a Academia Portuguesa em Roma, sob os auspícios do mesmo Soberano, para os estudantes portugueses das artes (pintura, escultura), que entre outros contou Vieira Portuense e o insigne Domingos José de Siqueira, dos maiores pintores da terra portugalense; a Academia Litúrgica Pontifícia, em Coimbra, concedida por Benedito XIV em 1747, como delegação da Academia dos Sagrados Ritos e História Eclesiástica, de Roma; e a Arcadia Lusitana, de 1756, corporação particular, obra dos poetas António Diniz (autor do poema satírico "O Hyssope"), Esteves Negrão e Gomes de Carvalho.

Ezequiel Corrêa dos Santos, pai, escreveu um original e interessantíssimo "Discurso Histórico sobre a Pharmacia no Brasil", recitado na Academia Imperial de Medicina do Rio de Janeiro, em 30 de junho de 1837, e veio a lume, impresso na Tipografia Imparcial de Paula Brito, no decorrer do mesmo ano. Por ele perpassam eventos dos seus dias, registros marcantes na evolução das associações médicas e farmacêuticas em nosso país. Não esqueceu ele de lembrar também que na antiga Córte, em 1772, no dia 18 de fevereiro, em presença do vice-rei Marquês de Lavradio, se instalou uma Academia de Ciências composta pelos médicos José Henriques Ferreira, Gonçalo Muzzi, Freire Ribeiro, dos cirurgiões Maurício da Costa, Ildefonso da Costa Alves, António Mestre, Luiz Borges Salgado e dos farmacêuticos Manoel Henrique de Paiva e António Ribeiro de Paiva, todos pioneiros, "com o fim de tratarem de objetos de física, química, medicina, cirurgia, história natural e farmácia, para interesse do Brasil". Com alguns comentários do autor destas notas, o inédito "Discurso Histórico sobre a Pharmacia no Brasil", foi publicado por inspiração e apoio do Dr. José Pedro Leite Cordeiro, presidente do sodalício, na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, no volume 74, de 1978.

Congressos Médicos no Brasil

A idéia de um congresso médico no Brasil teve em Roberto Jorge Haddock Lobo o primeiro pregoeiro, nos "Anais Brasiliensis de Medicina", veículo da Academia Imperial de Medicina, correspondente aos anos 1849-1850. Português de Cascais, formado na escola da Córte brasileira, precursor das estatísticas demográficas, organizadas "por freguezias, seus fogos distritos e quarteirões, por classe sexo, nacionalidade, idade e estado civil". É de sua autoria o "Tombo das terras municipais", que, decorridos quase século e meio, é ainda obra útil, e de real valia. Ayres Netto recorda, com oportunidade, o seu concurso precioso, em 1850, por ocasião da febre amarela devastadora da população carioca: "de 729 doentes, só perdeu 12". Com vivenda no Engenho Novo, junto a Mataporcos, amigo do pobre e do desvalido, foi opositor estremado da escola homeopática aqui em inícios de difusão. Acometeu, com lanças e veemência polêmica, contra o "Instituto Homeopático", recém-fundado "sob os auspícios da Divina Proteção e debaixo da proteção das leis do império". Neste cenáculo, também a terças armas, encontravam-se Benoit Jules Mure, mais conhecido por Domingos Azavedo ou Azevedo Duque Estrada (diplomado na Bélgica e do Conselho do Imperador); Emílio Germon, João Vicente Martins, Melo Moraes, pai, e outros mais. Essa posição de antítese doutrinária mereceu de Haddock Lobo uma porfia tenaz no sentido de conchamar a classe médica para um debate amplo, em encontro, congresso geral em que as duas correntes, alopática e de adeptos da homeopatia, dirimissem a contenda com razões e bases científicas. O seu apelo, apesar da ênfase de lidador, acabou por se esboroar e terminou no esquecimento.

Em 1868, o Dr. Julio de Moura, renomado no capítulo das moléstias tropicais, em carta dirigida ao Dr. Virgílio Damásio, vulto de relevo do jornalismo e do professorado médico do norte, e divulgada pela "Gazeta Médica da Bahia", entendia pela oportunidade de realização de um congresso médico em terras brasileiras. Também não encontrou eco e em 1888, quando da instalação do "Primeiro Congresso Médico Brasileiro", o exem-

plar clínico Julio de Moura rememorava: "minhas palavras morreram como vagido de criança, no meio da morna quietude da natureza tropical, entre os bocejos de nossa proverbial indolência; estou assistindo neste momento, à realização tardia, porém fecunda de uma idéia, que preocupou meu espírito em período mais esperançoso da minha vida de médico".

Congresso em 1878, em Piratininga

Aqui, em São Paulo, em 1878, houve também semelhante tentativa, quase ao tempo em que o Dr. Cesário Mota, na Assembléia Provincial apresentava um projeto de criação do Instituto de Ciências Naturais". Em Piratininga, ainda provinciana, mas tão cheia de estuantes encantos, romanesca e bela, sacudida pelas tropélias da mocidade estudiosa da Academia de Direito, nesta "hibernal friul com suas rosas de Espanha", seus médicos resolvem promover o congresso de sua classe. Os Drs. Francisco Nogueira Cardoso e Cesário Mota, em reunião levada a termo nos salões da "Propagadora", aos 24 de março, conglobando facultativos da capital e do interior, pela imprensa local, noticiavam a resolução positiva do assunto, e dos poderes conferidos, para executá-lo,

aos doutores Luis Lopes Batista dos Anjos, Climaco Barbosa, Antonio Caetano de Campos, Guilherme Ellis e Jaime Serra. A propósito da notícia troçava "A Província de São Paulo": "A medicina está preparando um congresso; acatelem-se os enfermos". Levantava-se a sátira, com motejos e doestos de diatribes, mas o fito real da reunião médica era "organizar a propaganda e os recursos da Higiene na província paulista".

O sempre lembrado e saudoso príncipe da cirurgia, José Ayres Netto, acrescenta que a iniciativa repercutiu no Rio de Janeiro e "O Progresso Médico", do Dr. Martins Costa, mais tarde professor de clínica médica e discípulo de Torres Homem, tecia encoômios à iniciativa pois tomar a vanguarda científica, reunindo o primeiro congresso médico de que há exemplo no Brasil". E adiantava: "Honra, pois aos médicos paulistas".

Novos encontros preparatórios, agora sob a presidência do Dr. Antonio Pinheiro de Ulhôa Cintra, clínico de reputação eminente e logo barão de

Jaguara. Cesário Mota, sempre combativo e realizador, acena para que fosse fundada uma revista para divulgação de memórias, teses, observações, etc. O Dr. Santos Melo propunha a fundação de sociedade, com sessões periódicas, e sede na capital, a representar o papel de verdadeira junta de higiene, entendendo-se com os poderes públicos, e representando o papel de conselheira do povo. No dia 7 de abril, no Teatro S. José, no antigo largo Municipal, os congressistas encontravam-se com delegações vindas de Campinas, Rio Claro, Jacaré, Taubaté, Pindamonhangaba, Capivari, Porto Feliz, etc.. A sessão, com começo às 14 horas, concorridíssima, teve a secretariá-la os Drs. Miranda Azavedo e Felizardo Cavalheiro. Embora de caráter regional apareceram ponderações para que o congresso tivesse caráter nacional.

O Dr. Guilherme Ellis leu o projeto da "Associação Médica da Província", seguindo-se larga e entusiasmada discussão com a ação e a palavra ardorosa dos Drs. Inácio Mesquita e Gustavo de Godoi. Com emendas adicionais, tudo recebeu aprovação. No dia seguinte, vinte e quatro horas após, nova sessão e com ela, levantada a idéia da fundação de um jornal médico. Para o conselho administrativo da associação e da folha médica foram escolhidos os Drs. Nicolau Vergueiro e Adolfo Gad.

O temário proposto então é curiosíssimo:

1. "Pode a febre amarela propagar-se pelo interior da Província?"
2. "Existe na Província o beri-beri?"
3. "Estudo das epidemias de varíola na Província"
4. "Das melhores localidades de São Paulo para o tratamento da tuberculose"
5. "Estudo da moléstia conhecida por mal de engasgo"
6. "Das propriedades terapêuticas do Jaborandi e do Taiuiá"
7. "Estudo clínico da lepra, das verminoses e das boubas da Província"
8. "Estudo da geografia médica do bócio, etiogênia, patogênia e tratamento"
9. "Da influência que as máquinas de costura, movidas a pé, podem exercer sobre a saúde e desenvolvimento físico da mulher"
10. "Quais as moléstias mais frequentes em São Paulo e a

influência na nosologia da Província a alimentação de seus habitantes"

11. "Da frequência da pedra da bexiga em São Paulo"
12. "Os acidentes mais comuns nas amputações"
13. "Da influência do clima de São Paulo sobre as operações cirúrgicas e da gangrena e do tétano traumático, sua frequência na Província"
14. "Haverá febre tifóide no Brasil?"
15. "Descrição da configuração do solo da Província; altitude dos núcleos habitados mais importantes, relação íntima que existe entre certas moléstias e climas"
16. "Que moléstias têm sido introduzidas pela imigração na Província".

Delineados os preparativos e o programa a ser seguido e executado, ficou tudo pronto e designada nova assembléia para o dia 1º de agosto. Na véspera deste dia, porém, a imprensa divulgava um aviso declarando que "para satisfazer, à pedido de médicos empenhados em campanha eleitoral, muitos residentes no interior, a comissão declarava adiada "sine dia" a referida convocação".

Tudo leva a crer que as causas determinantes seriam outras. Antes dessa comunicação surgiu na "A Província de São Paulo", enérgico protesto do Dr. Joaquim Ribeiro de Mendonça, clínico em Jacaré, que falava em seu nome, dos colegas positivistas, e em especial no do Dr. Luis Pereira Barreto. Abordando "os charlatães de diploma e os médicos sem diploma", o Dr. Ribeiro de Mendonça acusava o Congresso de ter feito as reuniões de portas fechadas, com o fim de se discutirem medidas antipáticas à opinião pública. Os seguidores de Augusto Comte entendiam que "à associação médica em organização deviam pertencer todos os que exercessem a medicina com ou sem diploma, e se insurgia contra o conselho encarregado de velar pela honra e dignidade da classe médica, infestada pelo charlatanismo: "querer monopolizar a arte de curar, em proveito dos titulares, é agredir a sociedade, é atacar a liberdade pública".

O protesto dos médicos positivistas constituía resposta a um longo artigo publicado no "República", diário do Rio de Janeiro, de aplausos e franca adesão à iniciativa dos clínicos bandeirantes, afirmando que "São Paulo caminha na vanguarda

O congresso de medicina, de 1878, não chegou a ser concluído

de outras províncias e agora conquista título invejável, concebendo e realizando o primeiro congresso médico da América do Sul".

Propôs, também o Dr. Mendonça, nas sessões em que foi participante, que as datas dos futuros congressos coincidissem com as do nascimento e morte de Bichat e lastimava de que sua lembrança tivesse sido recebida, por alguns dos presentes com sorrisos de mofa.

Eurico Branco Ribeiro, em troca de idéias conosco, expressava seu pesar pelas divergências surgidas a cada passo, a ferir sua alma bandeirante, já que a Assembléia iniciada em ambiente tão promissor, não teve prosseguimento. Temos de concordar ter sido uma pena, pois seria o congresso o primeiro em terras brasileiras e partiria de São Paulo.

Miranda Azevedo, resumindo em 1896 a história dos Congressos médicos no Brasil, relembra que o primeiro fora o de 1878, infelizmente não terminado. O Primeiro Congresso Médico Paulista, só veio a se concretizar realmente em 3 de dezembro de 1916, patrocinado pela já augusta Sociedade de Medicina e Cirurgia, sob a égide de Arnaldo Vieira de Carvalho. Afirmou com indiscutível felicidade o inesquecível José Ayres Neto: "marcou, de fato, época, nos fastos da medicina indígena e aí estão os cinco volumes dos seus anais publicados logo após o seu encerramento". Ao lado do condestável Arnaldo sobressaiu-se, pela metódica da secretaria e pelos labores, sem solução de continuidade, o Dr. João Egídio de Carvalho, leal companheiro do diretor da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, seu primeiro secretário e destacado ginecologista.

Várias devem ter sido as academias organizadas ou apenas "celebradas", na sonolenta paulicéia do século XVIII", afirmou Carvalho da Silva. De duas delas há traços de sua existência. Uma, reuniu-se em 1770, para celebrar a transferência de uma imagem de Sant'Ana para um novo nicho. Outra, organizada em 1791, para homenagear o governador da Capitania, Bernardo José de Lorena. Da primeira, chamada "Academia dos Felizes", há notícia graças ao códice de que foi possuidor o historiador e bibliófilo, Yan de Almeida Prado e que contém devidamente copiadas por um calígrafo da época, as poesias lidas em tal tertúlia, reunião grada do São Pau-

lo colonial. Em 1770, ao governar nosso rincão o general D. Luis Antonio de Sousa Botelho Mourão, Morgado de Mateus, constituiu-se novo altar na igreja do Colégio para a colocação da imagem de Sant'Ana, oriunda de outro ponto da cidade.

A transferência da imagem, aos 19 de agosto de 1770, deu ensejo a festejos de importância e entre eles se enumera a celebração de uma academia. Numerosos padres, professores e literatos do tempo e o próprio Morgado de Mateus leram composições em verso sobre o assunto acadêmico que era a mudança da santa para novo nicho de veneração. Entre os acadêmicos, o poeta Francisco Xavier de Passos, mestre de gramática, o general Luis Antonio Botelho Mourão, frei Fernando da Madre de Deus e frei Felisberto Antônio da Conceição Belém (ambos beneditinos) - H. Alves acrescenta outros membros: José Gomes Pinto de Moraes, fra-des Reginaldo da Encarnação Ribeiro e Joaquim de Sant'Ana Silva, o Dr. Luis de Campos, advogado e Manuel Pereira Crispim.

A Academia que se reuniu em 17 de dezembro de 1791, festejava ao mesmo tempo o aniversário da Rainha e a inauguração do novo prédio do Senado da Câmara e da Cadeia, construído pelo Governador Bernardo José de Lorena. Este edifício, atravessando os decênios da vida paulistana, veio a albergar a Assembléia Legislativa, no antigo Largo de S. Gonçalo. O mestre Antonio Soares Amorim, em uma de suas viagens de estudos a Portugal, deparou e fotografou, o curioso manuscrito da Coleção Pomalina, Biblioteca Nacional de Lisboa: "bem organizado, bem conservado, contém os discursos, os poemas e uma peça de teatro, recitados em 1791, no Senado da Câmara de São Paulo, numa academia ecomiástica a Bernardo José de Lorena". Como acadêmicos de 1791 incluem-se Sampaio Peixoto, André da Silva Gomes (latinista e professor do padre Feijó), Salvador Nardi de Vasconcelos Noronha, minerador nas minas do Parapanema; Antonio José Vaz, Secretário do cenáculo, coronel de milícias, deixando, ao falecer em 1823, três opúsculos em versos; e José Arouche de Toledo Rendon, nome grada à vida cultural e política da futura província. Acompanhou o mano Diogo de Toledo Lara e Ordonhes (Jurista, zoólogo e ornitologista pioneiro de altos méritos), em sua obra de benemerência para com a

Irmandade da Misericórdia Paulista, inaugurando com as doações de Diogo, a Santa Casa da Chácara dos Ingleses na Glória. Para lá levou o grande físico-mor Justiniano de Melo Franco, artífice com Libero Badaró, Cândido Gonçalves Gomide, Muzzi e outros, de verdadeiros encontros médicos, não só para planos de aplicação da vacinação jennericiana como para erradicação, postergando velhos costumes, das más práticas sanitárias dos enterramentos em igrejas e seus adros. Associaram seus nomes ao proselitismo da criação de cemitérios em Santos e São Paulo, mais tarde inaugurado o da São Paulo, mais tarde inaugurado o da Paulicéia, na Consolação, com o apoio material da generosa marquesa de Santos.

Essas academias, em verdade eram literárias, mas referimo-las como mostra de inicial humanismo paulista, ao qual estariam certamente ligadas influências de físicos e cirurgiões, mais de uma vez letrados e versegadores. É necessário lembrar e enfatizar que nesse ano de 1791, o capitão-general Bernardo José de Lorena, ilustrado acadêmico e governador, mandou examinar a água, por Sanches D'Orta, da tradicional fonte de Santa Luzia, existente em chácara de sua posse, e que passou a pertencer ao coronel Francisco de Assis Lorena, governador da praça de Santos, falecido em 1835, grande chácara sita à rua Tabatinguera, herança posterior de d. Ana Maria de Almeida Lorena Machado, e origem de ruas como a do Conde de Sarzedas, Bonita, Conselheiro Furtado e de Santa Luzia. As ordens do Governador Bernardo José de Lorena encerram, com toda a certeza, o primeiro gesto no sentido de analisar virtudes das águas de uma fonte, na velha Paulicéia.

Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo

Aos 7 de março de 1895, constituía-se a mais antiga das nossas entidades médicas. Eurico Branco Ribeiro em artigo lapidar descreveu as circunstâncias emocionais e os momentos de sua fundação. Nasceu como decorrência de um desagravo à figura exponencial da História da Medicina Paulista, Luis Pereira Barreto, que seria também o primeiro presidente da Socie-

dade de Medicina e Cirurgia de São Paulo. Viviam os médicos, em seus destacados labores, agora alheios à cogitações associativas, quando surgiu uma campanha insólita contra o mestre Pereira Barreto, figura polimorfa, a destacar um momento da Inteligência do Estado e da Pátria. Um banquete da classe foi a maneira pública de expressar solidariedade ao grande vulto da medicina paulista. Luis Pereira Barreto tinha o porte de varões como Carlos Botelho, Nicolau Vergueiro, Caetano de Campos, Guilherme Ellis pai, Arnaldo Vieira de Carvalho, sem esquecermos Francisco Alvares Machado, Justiniano de Melo Franco, Libero Badaró, e o ínclito José Bonifácio de Andrade, "o qual serviu a sua Majestade no emprego de médico da guarnição da vila de Santos" e cujo nome é muito provavelmente do primeiro facultativo nascido em terras de São Paulo e formado em Coimbra.

Reunidos os esculápios, na homenagem, surgiu a idéia da sociedade. Foram seus paladinos e estruturadores Sérgio Meira e Matias Valadão. A primeira sessão preparatória realizou-se a 24 de fevereiro de 1895, no escritório do dr. Conduta, de alto porte que indicaram exemplos para a categoria médica. Em sua esteira, honrando seus dias e seus colegas, ficou um facho de luz a alumiar as gerações vindouras. Aristocrático pelo sangue e pela nobreza dos gestos e do caráter, modelou as normas que deverão nortear a classe médica paulista, para seu próprio prestígio e impedimento de cair no lugar comum de contradições estéreis.

Apoiador da elaboração da Biblioteca Cultural e Arquivo Histórico da APM, cabem a ele, e tão somente os estímulos para que se erguesse a Memória Histórica da Ciência e da Medicina de nossa Pátria, aqui em chãos de Piratininga. Sabia ele, como nós, que somente conhecendo e entendendo o passado, estaremos aptos a delinear o futuro, enfrentando as circunstâncias e as incertezas do presente.

Sucendendo Rubião Meira, em 1933, João Alves de Lima trouxe para APM o prestígio de seu nome, perfeito homem de sociedade, elegantíssimo em tudo, no falar, nos gestos, nutrido de cultura gaulesa, expressão de alto momento da cirurgia paulista.

Anotnio Cândido de Camargo (1934-35), bonachão d'alma pura, sempre a unir, congregar, amalgamar para o porvir.

Enjolras Vampré, 1936, chefe incontestado e fundador da escola neurológica de São Paulo, médico até o cerne, no dizer de Almeida Prado "fanatizado pela profissão e escravo de seus deveres profissionais", e que veio a morrer em plena aula "como o capitão que morre no seu posto". Em nossa entidade, como em tudo, foi dirigente e orientador programado.

Benedicto Montenegro (1953-54), no auge de seu prestígio, canalizou-o para as tarefas de sedimentação e prosperidade.

Henrique Mélega (1961-64) multiplicou as esferas sociais e constituiu o Clube de Campo. Sonhou, ideou, realizou.

Conosco, mercê de Deus, Villela Iteberê, Mário Degni, Edison de Oliveira, Aldo Fazzi, Rui Ferreira Pires e Aloysio G. Ferreira de Camargo, podem assistir as dimensões e as responsabilidades da entidade pela qual tanto pugnam, em entusiasmos e doações, sem peias.

Nos primeiros dias, na inauguração da primeira sede, Rubião Meira soube mostrar, com sua palavra castiça, envolvida no habitual halo de sua prosa cheia de eflúvios e meneios poéticos, o milagre do sonhar e idealizar: "tudo o que aqui está, na apresentação das tapeçarias deslumbrantes, dos móveis de finura artística, e das luzes cintilantes que maravilham, surgiu repentinamente como se fosse tocado pela vara de um mágico, obreiro de feitiçarias. Estais portanto, não diante de maravilha que atordoia, e obumbra o conhecimento exato das coisas, mas diante da conquista da vontade humana, do poder, decisivo e forte, da energia criadora".

Milagre multiplicado de anseios de uma grei, a Associação Paulista de Medicina, tem sido e assim será pelos tempos que hão de vir, "suprema conquista da vontade humana, do poder decisivo e forte, da energia criadora", como bem anteviu o seu preclaro presidente e emérito fundador Domingos Rubião Alves Meira! Que vivam eternamente os desígnios de seus sonhadores - artífices! Que viva eternamente a Associação Paulista de Medicina, plena de brasilidade, e fiel à causa paulista, que tem sido nosso patrimônio secular! Rememorem-se com unção todos aqueles que a erigiram e engrandeceram!

O primeiro congresso somente se concretizou em 1916

artigo

Os Pintores

Paulo Bomfim

O primeiro pintor que conheci pessoalmente foi Pedro Alexandrino. Morava na rua Major Sertório, quase esquina de Rego Freitas. Foi quando jogávamos futebol na porta de sua casa e ele empunhando uma garucha velha pôs o time para correr.

Já sua aluna Tarsila do Amaral fiquei conhecendo em casa de Lalaide e Juvenal Godoy. Lalaide, filha de D. Alzira, que foi a mais famosa medium da época, era prima da pintora.

Nessa tarde D. Lúcia mãe de Tarsila, tocou ao piano alguns noturnos de Chopin e músicas de Zequinha de Abreu e Ernesto Nazaré.

Em pé, a seu lado, o marido José Estanislau do Amaral, ia virando as páginas das partituras. Era um casal de velhos bonitos e comunicativos, perfeitos representantes da velha aristocracia paulista. Presentes também a essa reunião Sylvinha e Rivadavia de Barros, filho do Major Diogo, herói da Guerra do Paraguai, e fundador da primeira fábrica de tecidos em São Paulo. No local,

o nome "Beco da Fábrica" na Rua Florencio de Abreu, recorda essa indústria pioneira.

Da reunião em casa de Lalaide, nasce a amizade com Tarsila que ilustra em 1947, meu primeiro livro o "Antonio Triste". Sua filha Dulce, loira, linda e inteligente, sorrindo atrás da fumaça de uma longa piteira, é outra lembrança que me acena.

No dia seguinte de nosso encontro, Tarsila envia-me as "Obras Completas" de Cruz e

Souza, um de seus poetas preferidos.

Correia Júnior, na década de vinte, apaixonou-se por Tarsila, e segue sua musa até Paris. O encontro dos dois resulta

no livro "Dona do Meu Silêncio".

Quando Tarsila adoeceu, Correia Júnior, no escritório de Fernandes Soares, pede-me para ligar para ela. Coloco os dois na linha e me retiro, deixando o poeta falando com a pintora, de olhos marejados.

Quem me apresentou Annita Malfatti foi minha mãe que era sua aluna. Lembro bem das aulas e das coleções de mamãe, Carolina Silva Gordo e Sofia Tas-

sinari, e da figura meiga de D. Beth, progenitora de Annita, pertencente a uma família de educadores de Campinas. As festas juninas na casa da rua Ceará, eram alegradas pela presença de sobrinhas e amigas de Annita. Na véspera, todos nós principiávamos a preparar a decoração do ambiente. Annita e Evangelina Pereira de Sousa, que fora casada com Rubem Borba de Moraes, iam pintando bandeirinhas com temas caboclos que eu retratava em versos. No dia seguinte, o quintal se iluminava com a fogueira e com o queimado que espantava o frio de junho.

É dessa época, 1945, meu retrato feito por essa pintora tão generosa com minha juventude. Graças a ela fiquei conhecendo Manuel Bandeira e Ribeiro Couto.

Depois, vim a conviver com Di Cavalcanti, Clóvis Graciano, Reboloto Gonçalves, Bonadei, Balloni, Quirino da Silva, Flávio de Carvalho e tantos outros que frequentaram nosso apartamento na Av. Ipiranga e o Clubinho dos Artistas onde nos reuníamos todas as noites.

Muitos deles expõem depois em nossa Galeria Atrium.

Todos participando deste painel de evocações onde a saudade retrata aqueles que partiram para ficar.

"Pôs o time para correr com uma garrucha velha"

Piolim

Paulo Bomfim

Fui amigo de Piolim, desde o tempo em que o circo estendia a lona numa rua próxima à Praça Marechal Deodoro onde o cantor Nelson Gonçalves ainda podia ser encontrado no snooker de seu irmão Quincas.

Piolim, o mais palhaço dos palhaços brasileiros, participou a seu modo, da Semana de Arte Moderna.

Quantas vezes sua irreverência e sua graça percorrem as lembranças de Mário, de Oswald e de Tarsila.

Aqueles olhos azuis falavam por si atrás da pintura bizarra

do rosto.

O paletó xadrez muito largo, as calças sempre despencando, os sapatos imensos, e o indefectível bengalão, compunham a figura amada pelas crianças que ainda somos. Quando encabulava, fazia a cabeça sumir dentro do vasto colarinho.

Presidindo o Conselho Estadual de Cultura, pude prestar a ele a última homenagem dos paulistas.

Mandei montar seu circo no vão do Museu de Arte de São Paulo, onde, pela derradeira vez pisou no picadeiro que se debruçava do espigão da Avenida Paulista.

No pavilhão repleto; trapezidis-

tas, amazonas, domadoras e saltimbancos homenageavam juntamente com o público, o palhaço que se despedia. Pouco depois, as luzes se apagariam para sempre.

Tito Neto em seu livro sobre o circo diz que Piolim gostaria que eu escrevesse o seu epitáfio.

Mas palhaço como ele não morre nunca, transforma-se em constelação e brilha, no circo das noites estreladas.

Hoje, aos setenta e quatro anos, quando encabulo, lembro-me de Piolim e ainda sinto vontade de esconder a cabeça dentro de um grande colarinho.

Meus 80 anos

Paulo Fraletti

Exerci a Clínica Psiquiátrica em São Paulo durante 48 anos e lecionei a mesma matéria, em quatro faculdades de Medicina, duas de Enfermagem e uma de Filosofia.

Realizei umas cinco mil consultas em Pereiras, aos sábados e domingos, feriados e férias, sem nunca Ter cobrado nada.

Fiz trabalhos cinéticos e dirige várias sociedades médicas, duas delas criadas por mim. E formei um bom número de psiquiatras que vêm todos eles se distinguindo na prática psiquiátrica e no ensino da Psiquiatria e da Psicologia Médica, sendo que três deles professores titulares na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, na Escola Paulista de Medicina e na Faculdade de Medicina da Fundação Universtária do ABC (Santo André).

Dediquei-me também a arte literária, compondo poesia e escrevendo sobre história. Publiquei seis livros de poesia e colaborei em muitos jornais.

Pesquisei, escrevi e publiquei a História de Pereiras.

Editei em Pereiras cinco jornais e uma revista.

Idealizei e realizei todas as festas comemorativas: do 110º Aniversário da Construção da Primeira Capela (Capela da

Ponte); do 100º Aniversário da Fundação da Segunda Capela (Capela dos Braganceiros ou do Ribeirão das Conchas); do 100º Aniversário da Elevação a Freguesia, do 100º Aniversário da Criação do Ensino, e do 100º Aniversário da Criação do Município. Só não realizei a do Centenário da Eleição da Primeira Câmara e Autonomia Municipal, em 1996, por culpa do prefeito e Câmara de então.

Achava que não atingiria o Centenário da Emancipação, em 1996. Passei aquele ano e atingi os 80, no dia de hoje, 4 de janeiro de 2001.

Chegar aos 80 tem o lado bom e o lado ruim.

O lado bom, em que agente se surpreende dizendo: Nossa Senhora! Puxa! Cheguei até aqui. Posso vivenciar os 80 anos.

O lado ruim, em que se exclama: Puxa, já? O tempo correu depressa como um corcel alado, sentindo-nos tomados de perplexidade e virtualidade, transformando o espaço-tempo real em virtual, isto é, sabendo que um dia morreremos, mas vivendo como se nunca tivéssemos que morrer!

Durante quase toda minha vida compus um poema pessimista no dia 4 de janeiro. Não podia deixar de fazê-lo no dia de hoje. É este:

80 anos

Eu fiz na minha vida arte e ciência;
Creio, até, menos ciência e mais poesia,
Mas, agora, aos 80 da existência
O que farei, meu Deus, em tão consciência,
Senão revivenciar com nostalgia
O que vivi com amor e fé,
E à porfia.

A todos os meus familiares e amigos e enterrâneos, os meus agradecimentos pela presença em minha casa e pelos compromissos que me foram dirigidos.

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor:
Guido Arturo Palomba
Diretor Adjunto:
Sérgio Pereira da Cunha
Conselho Cultural:
Dulio Crispim Farina (presidente)
Carlos Alberto Salvatore
Antônio Valdemar Tosi
Marisa Campos M. Amato

João Marques Teixeira
Cinematca:
Wimer Botura Júnior
Pinacoteca:
Aldir Mendes de Souza
Museu da História da Medicina
Jorge Michalany